



MEMÓRIAS DE ANGICOS: uma experiência pedagógica no sertão brasileiro

Texto **Anastácia Vaz**
Design **Francisco George Lopes**

Era 1963 na pequena Angicos, interior do Rio Grande do Norte. Geograficamente, a cidade, que herdou nome de árvore presente na Caatinga, no Cerrado e na Mata Atlântica, ocupa o coração do estado, a quase 200 quilômetros da capital Natal, em pleno sertão, com clima árido e salubre.

À época, o censo populacional registrava total acurado de 9.542 habitantes. Oitenta por cento dos moradores economicamente ativos trabalhavam na agropecuária, e a cultura e o beneficiamento do algodão eram os principais motores da renda local. Às estatísticas da mídua urbe, acrescia-se uma negativa: o índice de analfabetismo entre adultos superava os 70%, maior taxa em todo o estado.

Naquele ano, a cidade foi escolhida para receber uma experiência inovadora de alfabetização, coordenada pelo educador Paulo Freire – então diretor do Serviço de Extensão Cultural da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco – junto a um grupo de estudantes, em sua maioria universitários. A meta era ousada: ensinar a ler e a escrever, além de politizar, os adultos angicanos, sem cartilhas educativas e em curto período, por práticas que considerassem as vivências daquela população.

A proposta se pautava por um conceito de alfabetização para além da decodificação dos códigos linguísticos e guiado pela leitura crítica da realidade. Os resultados impressionaram pela velocidade de aprendizagem dos participantes e pelos impactos na comunidade: 300 pessoas foram alfabetizadas em 40 horas de aulas, ao longo de mais de um mês. Não para menos, a iniciativa ecoou mundo afora junto ao nome de seu idealizador. Este foi o pontapé do chamado Método

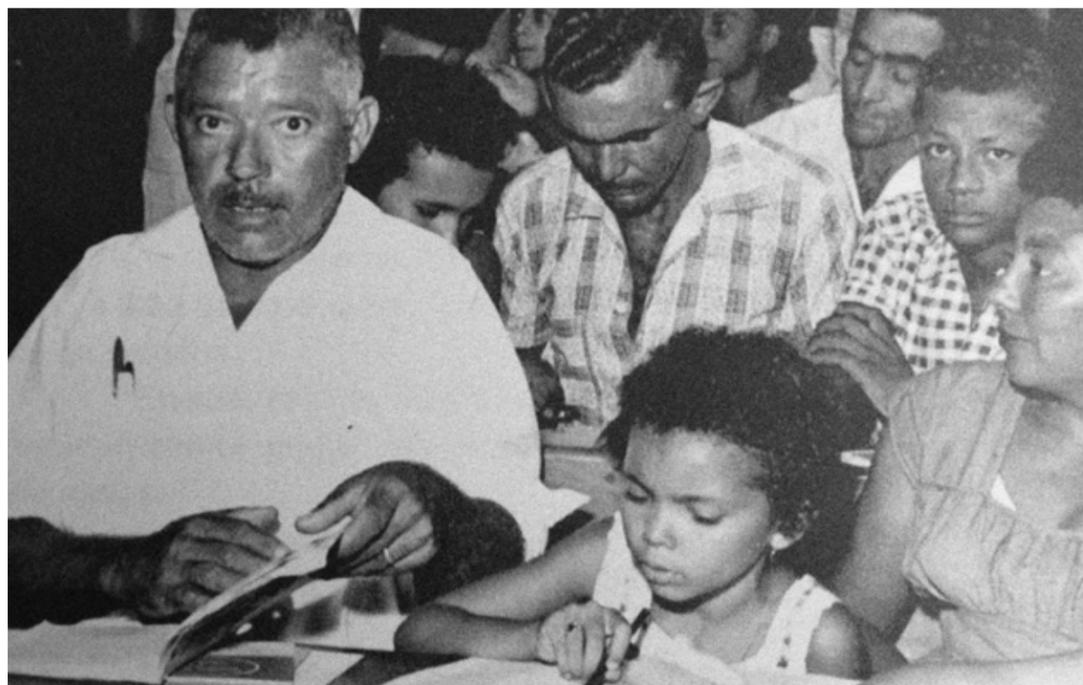
Paulo Freire, cuja aplicação se pauta nas experiências de vida dos aprendizes.

A ação em Angicos foi possível mediante políticas públicas articuladas entre administração estadual, o então Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid).

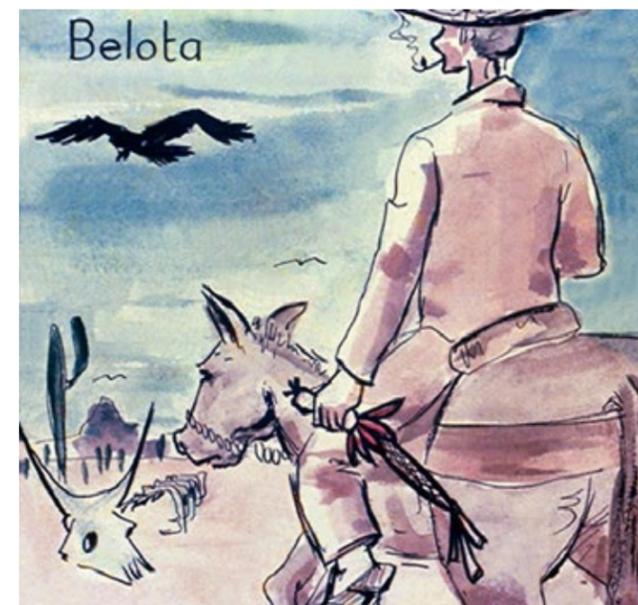
Com suas ideias ousadas, Paulo Freire propôs o levantamento prévio do universo vocabular da comunidade angicana, que orientou o método adotado. Junto a esses verbetes, elementos do cotidiano e da cultura daquela população eram traduzidos em ilustrações, projetadas em slides nas paredes de salas de aula improvisadas, para estimular os diálogos e despertar a consciência política e noção de pertencimento entre os alunos.

Parte do acervo visual deste memorável capítulo da cronologia da educação brasileira é resgatado neste ensaio da *Darcy*. Criadas pelo desenhista natalense Uran França, as ilustrações originais somam-se a fotografias históricas desta experiência, apresentadas em uma releitura, como propõe Freire, para quem “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las”.

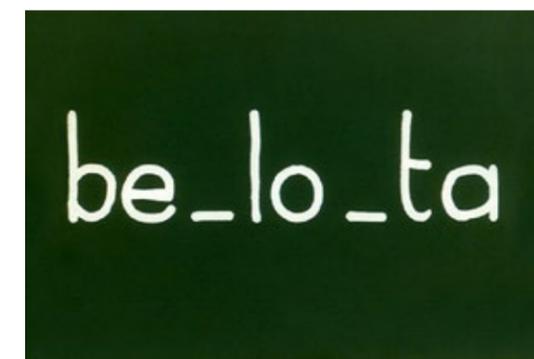
Os registros foram obtidos do acervo do Instituto Paulo Freire, do Fórum de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Jornal Tribuna do Norte. Originalmente em preto e branco, as fotografias ganham, nas próximas páginas, um colorido, pelo contraste de tons, que evoca a atualidade e o vigor do pensamento freiriano. Ao mesmo tempo, a releitura evidencia ainda mais os ruídos que perpetuam nestas imagens a passagem dos anos e que as tornam memórias pulsantes do legado de um dos mais célebres educadores do país.



A turma de aprendizes da cidade tinha 380 adultos, dos quais 300 se formaram. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire

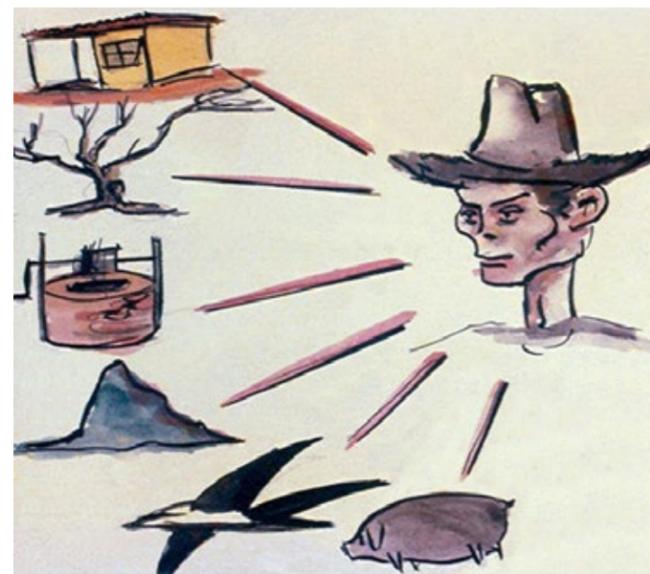
UM UNIVERSO DE PALAVRAS ILUSTRADAS

24 de janeiro de 1963. Primeiro encontro dos círculos de cultura em Angicos, propostos por Paulo Freire como espaços dialógicos de aprendizagem e troca de conhecimentos entre alunos e coordenadores da iniciativa. A ideia era debater, em uma conversa descontraída, o conceito antropológico de cul-tu-ra, pela distinção do mundo da natu-re-za. Como exemplo, a projeção da imagem de um homem, cercado de elementos com referências a esses dois universos, despertava olhares tímidos e curiosos dos aprendizes.

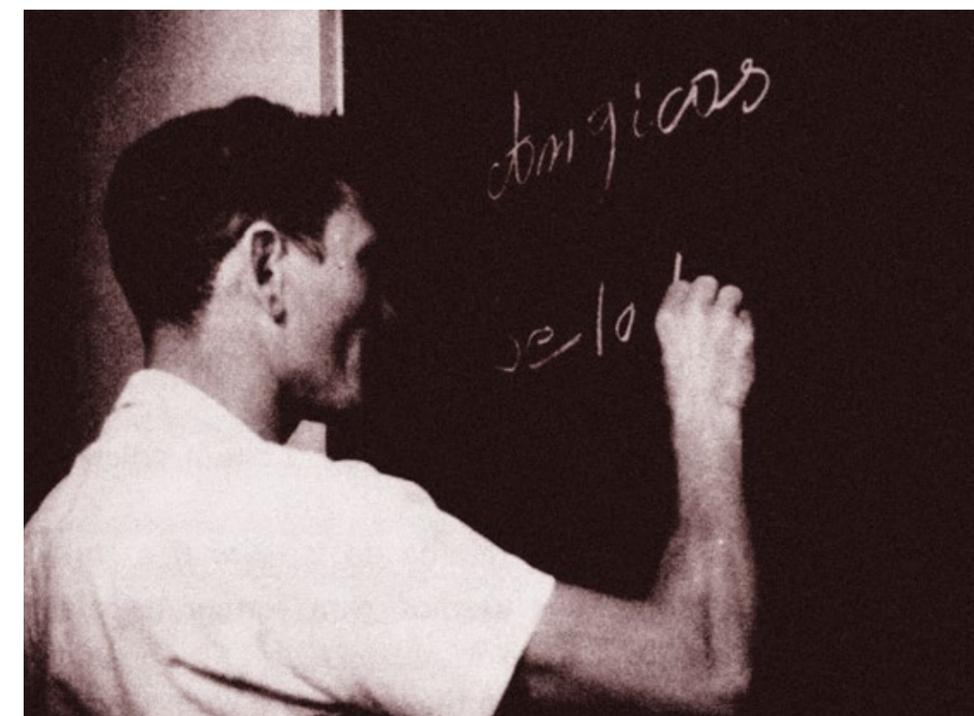
Da apresentação do slide, partiam perguntas a eles: "O que vemos aí?". As respostas eram múltiplas: "um pé de pau"; "um 'poico'"; "uma bacurinha", registra o livro de Carlos Lyra *As quarentas horas de Angicos*: uma experiência pioneira de educação. A partir de diálogos sobre a realidade local se iniciavam as aulas na cidade potiguar.

Como fios condutores, palavras e ilustrações representativas do cotidiano angicano eram trabalhados em classe e desdobravam assuntos diversos, como costumes e culinária local, economia, custo de vida, gêneros alimentícios, trabalho, união, democracia e emancipação política.

Dos 400 verbetes identificados pelos alfabetizadores sobre o vocabulário local, cerca de 20 foram escolhidos para compor o leque das chamadas palavras geradoras, que apontavam o caminho para o aprendizado de novas famílias de letras. Entre eles *belota* (que designa a ponta de renda das redes de dormir), *povo*, *voto*, *salina*, *feira*, *milho*, *cozinha*, *jarra*, *tigela*, *chibanca*, *xique-xique* e *expresso*. Termos que, apesar da simplicidade, convidavam a reflexões críticas profundas sobre o panorama social da cidade e do país.



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



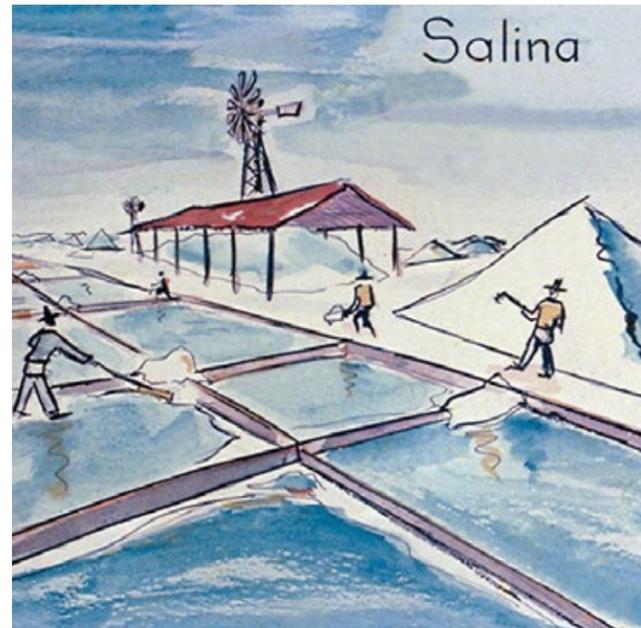
Aluno escreve no quadro negro a palavra geradora *belota*, termo identificado como recorrente no vocabulário dos angicanos e o primeiro a ser trabalhado nas aulas de alfabetização. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Círculo de cultura com Marcos Guerra, um dos coordenadores do projeto de alfabetização em Angicos. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



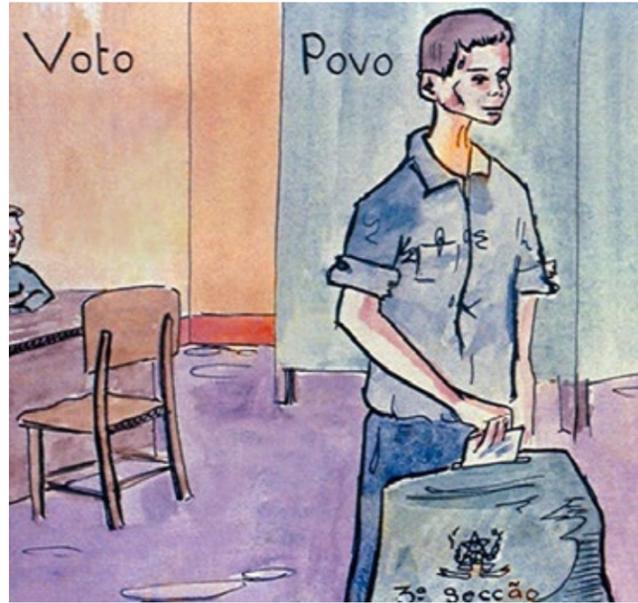
Paulo Freire orientava os coordenadores dos círculos de cultura com seus conhecimentos teóricos, discutidos a partir da experiência prática. Foto: Acervo/Fórum EJA



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Em reuniões diárias, os coordenadores dos círculos de cultura analisavam os resultados alcançados no processo de alfabetização e revisavam seus planos. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/ Instituto Paulo Freire



Um dos alfabetizados, Antônio Ferreira (centro) surpreendeu ao fazer um discurso improvisado durante a solenidade de encerramento do projeto. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Público diverso de adultos angicanos foi alfabetizado com o método de Freire, entre eles domésticas, trabalhadores rurais, pedreiros, motoristas e lavadeiras. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



O então presidente João Goulart compareceu à cerimônia de formatura da turma de alfabetizados de Angicos, em 2 de abril de 1963. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire